



CCE - COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO
Pós Graduação em Psicologia Clínica

Elismara Marques Rosa

OS DISCURSOS DE LACAN

Orientadora: Maria Helena Coelho Martinho

CCE - COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO
Pós Graduação em Psicologia Clínica

Elismara Marques Rosa

Os discursos de Lacan

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Psicologia Clínica. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Orientadora: Maria Helena Coelho Martinho

Rio de Janeiro
Outubro 2018

“Se à disposição para a guerra é uma decorrência da pulsão de morte, então será natural recorrer, contra ela, ao antagonista dessa pulsão, a Eros. Tudo que produz laços sociais tem efeito contrário à guerra.”

(Freud, 1932, p.430)

Dedico este estudo ao momento decisivo que o país atravessa.

28 de outubro de 2018 – eleições para presidente do Brasil

AGRADECIMENTOS

À Prof^ª Dr^ª **Maria Helena Coelho Martinho**, orientadora desse trabalho, que aceitou caminhar comigo desde a graduação, com quem tenho aprendido muito, pela delicadeza e escuta afiada na elaboração desse trabalho, na construção do caso clínico e supervisão de todos os outros, pela generosidade na transmissão da psicanálise, pelo incentivo em pesquisar, por ler cuidadosamente esse trabalho e por estar sempre ao meu lado, nas dúvidas, incertezas e inseguranças.

À Prof^ª Dr^ª **Maria Anita Carneiro Ribeiro**, coordenadora do curso, pela elegância de suas palavras precisas – ato – por nos acolher em seu consultório durante a supervisão clínica do curso, pela gentileza e garra na transmissão da psicanálise, de uma forma que é possível saborear.

À Prof^ª Dr^ª **Glória Sadala**, pelas aulas transmitidas durante o curso, com uma transparência e aplicabilidade clínica ímpar, por acreditar, dar oportunidades e incentivar o crescimento.

À **Eliane Augustinis**, minha analista, pelo acolhimento em todos os momentos de angústia e por deixar tudo mais leve.

À **Anair Oliveira**, paciente atendida no SPA – Serviço de Psicologia Clínica – PUC/RJ, durante o curso, com quem aprendi muito e a todos os meus pacientes, que enriquecem meu conhecimento.

À **Jairo Martins Rosa**, meu marido, pelo companheirismo, paciência e incentivo.

À **Otávia Levinski**, minha mãe, **Jovino Marques**, meu pai e meus irmãos **Eloy, Élio, Eka e Éder**, que mesmo distantes se fazem presentes, cada um em sua singularidade e seu jeito acolhedor, sempre incentivando a crescer.

À **Claúdia Pinna, Gisele Falcão, Maurien Caron e Heloene Ferreira**, minhas amigas, por compartilhar o caminho da clínica, por deixar mais leve e amorosa.

Aos meus colegas de curso pelo aprendizado e companheirismo, **Adriano Lourenço, Andrea Bastos, Bianca Boltje, Breno Homs, Carolina Moreirão, Cíntia Carvalho, Eliane Barcellos, Fabiane Campos, Fernanda Du Pin, Flávio Julio, Gessimara Sciaca, Karla Albuquerque, Luana Balocco, Luciana Rodrigues, Maria Fernanda Carvalho, Maria Paula Teperino, Maria Varnier, Poliana Duarte, Renata Junqueira, Renata Valduga, Shantala Pontes, Vanilsa Loureiro e Zaira Nacif, MUITO OBRIGADA!**

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO I - O MAL-ESTAR NOS LAÇOS SOCIAIS.....	11
1.1 Como o mal-estar se apresenta no sócios	12
1.2 Três fontes de sofrimento psíquico.....	13
1.3 As profissões impossíveis.....	15
CAPÍTULO II - OS QUATRO DISCURSOS.....	17
2.1 Contextualização histórica.....	18
2.2 Os elementos e lugares.....	21
CAPÍTULO III - O DISCURSO DO CAPITALISTA.....	29
3.1. O discurso do capitalista: o que não faz laço social.....	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	33
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	34

Marques-Rosa, Elismara. Os discursos de Lacan, 2018. (35 p.) Monografia – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

RESUMO

Esta monografia aborda os aspectos do mal-estar na cultura articulado com os quatro discursos forjados por Lacan, que fazem laço social e o deslizamento do discurso do mestre, o discurso do capitalista, que não faz laço social. Tomando como direção de estudo “*O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*” (1969-70), que marca uma virada no ensino de Lacan, a entrada no campo do gozo, serão abordados os quatro discursos: mestre, universidade, histérica e analista. Esses discursos que são aparelhos de gozo e, assim nomeados, devido a renúncia pulsional que faz necessário para que se estabeleça o laço social. O sujeito precisa renunciar a satisfação de suas pulsões para atender as exigências culturais, e assim atender a regra civilizatória. Também será abordado o discurso do capitalista, o qual se relaciona com seus objetos de consumo e não apresenta laço social.

Palavras-chave: mal-estar; discursos; capitalista; laço social

Marques-Rosa, Elismara. The discourses by Lacan, 2018. (35 p.) Monograph - Department of Psychology, Pontifical Catholic University of Rio de Janeiro.

ABSTRACT

This monograph deals with the aspects of malaise in the culture articulated with the four discourses forged by Lacan, who make social ties and the slip of the discourse of the master, the discourse of the capitalist, that does not make social bond. Taking as a study direction "The seminar, book 17: The reverse of psychoanalysis" (1969-70), which marks a turning point in Lacan's teaching, entering the field of jouissance, will be addressed the four discourses: master, university, hysteric and analyst. These discourses that are apparatuses of enjoyment and, thus named, due to the drive renouncement that makes necessary for the social bond to be established. The subject must renounce the satisfaction of his drives to meet the cultural requirements, and thus meet the civilizing rule. The discourse of the capitalist, which relates to its objects of consumption and does not present a social bond, will also be approached.

Keywords: malaise; speeches; capitalist; social bond

Introdução

Desde os primórdios o homem se encontra inserido em laços sociais. Esses laços, que Freud nomeou de cultura e embasou seus estudos no mito Totem e Tabu, um conjunto de regras e doutrinas que regulamentam as relações. Com a morte do pai tirano que gozava de todas as mulheres, assim numa ceia totêmica, os filhos introjetaram o pai e também a lei, inseriram regras para o convívio na tribo totêmica, o qual cada sujeito se haveria com sua mulher, criando uma regra de contenção civilizatória. Esse mal-estar inaugural dos relacionamentos humanos continuam se apresentando na atualidade, aos quais Lacan matemiza quatro discursos: mestre, universidade, histórica e analista, através dos quais apresenta a relação do sujeito com o outro.

Jacques Lacan, em *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70), momento de virada em seu ensino, forja quatro discursos, formados por quatro elementos (S1, S2, \$ e a) e quatro lugares pré-definidos o agente, o outro, a produção e a verdade. Esses quatro discursos que são aparelhos de gozo, pois inseridos na cultura os sujeitos precisam renunciar da satisfação pulsional para atender as exigências culturais, fazem existir mesmo “sem palavras”. A matemização dos quatro discursos marcam uma virada no ensino de Lacan, do aforisma “*o inconsciente estruturado com uma linguagem*” para um mais além. Nesse momento, Lacan inicia sua entrada no campo do gozo, o chamado campo lacaniano, o saber como gozo do Outro, do gozo articulado com a verdade e, marca a entrada no campo do indizível, no campo do real.

Partindo do premiado texto de Freud “O mal-estar na cultura” (1930), proponho no primeiro capítulo o estudo das três maiores fontes de sofrimento psíquico, como esse sofrimento se apresenta nos sócios e, quais os cuidados paliativos que os sujeitos podem se amparar frente ao mal-estar, que é inerente e permanente. Ainda no primeiro capítulo retomo, a partir de Freud, as profissões impossíveis de exercer: governar, analisar e ensinar. Para falar das profissões impossíveis retomo o texto citado no prólogo que Freud escreveu para o livro “Juventude desorientada” (1925) de August Aichhorn.

No segundo capítulo retomo as profissões impossíveis: governar, analisar e ensinar, acrescida de uma quarta forjada por Lacan: fazer desejar. Essas profissões estão

articuladas com quatro discursos que Lacan apresenta no *O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise* (1969-70), ao qual articula o discurso do mestre com a impossibilidade de governar; o discurso da histérica com a impossibilidade de fazer desejar; o discurso da universidade com a impossibilidade de ensinar e o discurso do analista com a profissão impossível de psicanalisar. A impossibilidade de governar e ensinar estavam presentes no momento da conceituação dos discursos. Com as revoluções que faziam presente no ano de 1968, conhecido como o ano que não acabou, faço uma contextualização histórica no ensino de Lacan, momento que foi expulso da Escola Normal Superior e que forja o discurso burocrata da universidade.

Trazendo à tona o laço social e o sofrimento psíquico causado pelas relações humanas, o terceiro capítulo fala do seu avesso, um discurso que não faz laço social, o discurso do capitalista, um discurso que não será nomeado como um quinto discurso, mas sim como um deslizamento do discurso do mestre. Lacan falou do discurso do capitalista somente uma vez, numa conferência na Universidade de Milão, em 1972. Como podemos pensar esse discurso que não faz laço social articulado ao sujeito fazendo uso de seus *gadgets*, na tentativa de tamponar o mal-estar proveniente dos relacionamentos pessoais? Se os relacionamentos humanos são a fonte de maior sofrimento psíquico, como podemos pensar a inserção nos laços sociais?

Capítulo I – O mal-estar nos laços sociais

Para falar sobre os laços sociais, nesse primeiro capítulo, será abordado o premiado texto de Sigmund Freud “O mal-estar na cultura” (1930) e o prólogo que escreveu para o livro de August Aichhorn, “Juventude desorientada” (1925), texto no qual Freud elucida as profissões impossíveis de exercer. Freud começa a escrever o texto sobre o mal-estar na cultura dois anos depois de concluir o texto que fala de religião – “O futuro de uma ilusão” (1927). Vale ressaltar que Freud, nesse período, se encontrava acometido pelo câncer e, durante os dois anos que separam os textos “O futuro de uma ilusão” e o “Mal-estar na cultura”, não teve muitas produções. O texto “O mal-estar na cultura” (1930) recebeu o prestigiado Prêmio Goethe, ao contrário do que muitos pensam, o Prêmio Goethe não é um prêmio literário, mas sim destinado a reconhecidas personalidades na Alemanha. Freud foi convidado a receber o prêmio em 28 de agosto, data de aniversário de Goethe, aos 74 anos, debilitado pela doença, escreveu uma apresentação para ser lida por Anna, sua filha.

O mal-estar na cultura, que no primeiro momento foi nomeado “A infelicidade na cultura”, teve seu primeiro ensaio publicado no trimestre final de 1929, ano que foi considerado como “a grande depressão”. Com o fim da primeira guerra mundial, o continente europeu deixou de importar produtos industrializados dos Estados Unidos, que levou esse país a uma crise industrial e a quebra da bolsa de valores. Neste cenário de crise mundial, fome e disputas, Freud produz um texto que fala do mal-estar nas relações e elabora como o sujeito, que demanda sempre ter suas necessidades pulsionais atendidas, precisa conviver com o desprazer e render-se as exigências da cultura. Podemos perceber esse momento pela tradução, sugerida por Freud, para língua inglesa: “Man’s discomfort in civilization¹”.

1.1 Como o mal-estar se apresenta no sócios

Tomando o desconforto do homem frente à cultura, Freud inicia o primeiro ensaio do texto “O mal-estar na cultura” (1930) abordando o interesse do sujeito pelo que pertence ao outro e, elucida que o ser humano faz uso de “falsas medidas quando

¹ A tradutora da obra de Freud para inglês, Sra. Joan Riviere, traduziu por “Civilization and its discontents” (Freud, 1930, p.60).

refere-se aos valores da vida, como: poder, êxito e riqueza” (p.65). Esses poderes todos os homens almejam para si e admiram nos outros, menosprezando os verdadeiros valores da vida. Freud defende que uma minoria dos homens que conhece, conhece os verdadeiros valores da vida e, cita um amigo² especial, com quem compartilhou cartas durante o período que produziu o texto “O futuro de uma ilusão”. A carta retratava um “sentimento oceânico” – um sentimento singular que a religião traz – “um sentimento que preferiria chamar de sensação de eternidade, um sentimento como algo sem limites, sem barreiras, por assim dizer ‘oceânico’” (Freud, 1930, p.65).

Freud, em razão de sua enfermidade ou não, revela que não consegue descobrir nele mesmo esse sentimento oceânico e, cita um trecho de Hannibal, exemplificando um herói frente à morte: “por certo que para fora do mundo não cairemos. Definitivamente estamos nele” (Freud, 1930, p.66). A partir disto, começa a elaborar que os sentimentos provêm de duas fontes: do próprio Eu e do mundo externo.

Frente ao mundo externo as limitações do Eu tornam-se patológicas. Assim como serve o sintoma para a neurose, Freud nos ensina que para suportar a vida há necessidade de encontrar recursos para enfrentá-la: “a vida, tal como nos coube, é muito difícil para nós, traz demasiadas dores, decepções, tarefas insolúveis. Para suportá-la, não podemos dispensar de paliativos” (Freud, 1930, p.77). Verifica-se que esses recursos paliativos, podem advir de três anestésicos frente à precariedade da vida, que são: poderosas distrações, satisfações substitutivas e substâncias químicas.

O primeiro desses recursos paliativos são as poderosas distrações que referem-se ao sujeito, como Freud remete a Cândido, de Voltaire, sugestionando que cada qual deve “cultivar seu jardim”, por isso cada sujeito deve criar e cuidar do seu pequeno espaço e desenvolver tarefas que lhe agradem e ocupem o pensamento. Outra distração seria a atividade científica, encontramos o trabalho e os estudos como papel principal, “nenhuma outra técnica para condução da vida prende a pessoa tão firmemente à realidade como a ênfase no trabalho, que no mínimo insere de modo seguro numa porção da realidade, na comunidade humana” (Freud, 1930, p.80).

Outro recurso paliativo são as satisfações substitutivas, Freud toma a arte como meta para sublimar a pulsão: “a tarefa consiste em deslocar de tal forma as metas da pulsão, que eles não podem ser atingidos pela frustração a partir do mundo externo

² Romain Rolland se referiu ao sentimento oceânico na carta que escreveu a Freud em 05/dezembro/1927, pouco antes da publicação de “O futuro de uma ilusão” (Freud, 1930, p.66).

(Freud, 1930, p.35). A sublimação como deslocamento libidinal, um dos destinos das pulsões, aparece aqui como fonte de satisfação. O artista ao criar rende-se à fantasia, abrandando a realidade da vida. A arte como sublimação é um dos destinos pulsionais: “a sublimação das pulsões é um traço bastante saliente da evolução cultural, ela torna possível que atividades psíquicas mais elevadas, científicas, artísticas, ideológicas, tenham papel tão significativo na cultura” (Freud, 1930, p.60). Freud lembra que não podemos esquecer a *arte de viver*, que tem o amor como centro.

Como terceiro recurso paliativo encontra-se as substâncias químicas, que entorpecem o corpo e alteram quimicamente o organismo, deixando o sujeito anestesiado, afastado do mundo e com o mal-estar abrandado.

“O serviço dos narcóticos na luta pela felicidade e no afastamento da miséria é tão valorizado como benéfico, que tanto indivíduos como povos lhes reservam um sólido lugar em sua economia libidinal. A eles se deve não só o ganho imediato de prazer, mas também uma parcela muito desejada de independência em relação ao mundo externo” (Freud, 1930, p.33).

Freud não menciona a religião como um anestésico para o mal-estar, mas verifica que o homem comum encontra na religião uma contenção para seu mal-estar. Cercado de regras e doutrinas, que servem para contenção das moções pulsionais, encontra na figura do sacerdote uma garantia para vida plena, assegurando que em outro lugar terá suas metas pulsionais satisfeitas.

1.2 Três fontes de sofrimento psíquico

O mal-estar na cultura é a teoria do conflito, o sujeito está sempre em busca da satisfação das exigências pulsionais e, contrário a isso, precisa responder as exigências culturais, as regras e doutrinas impostas pela cultura. Sendo assim, Freud pergunta sobre a finalidade da vida: “o que revela a própria conduta dos homens acerca da finalidade e intenção de sua vida, o que eles pedem da vida e desejam nela alcançar? Querem alcançar a felicidade e mantê-la” (Freud, 1930, p.76). E esclarece que nesse desejo volta à dualidade pulsional: querem a ausência de dor e desprazer e, ao mesmo tempo, vivenciar intensos sentimentos de prazer, como Freud já havia ensinado em 1920, no programa do princípio do prazer. No que diz respeito à felicidade, Freud entende que “feliz” é o sujeito que tem suas necessidades prontamente atendidas e consegue mantê-las, mas que isso não é eterno. À medida que o aparelho psíquico é regido pelo princípio

do prazer, mas responde as exigências do mundo externo o ser humano está fadado três fontes de constante sofrimento e mal-estar: o próprio corpo, o mundo exterior e as relações humanas (Freud, 1930, p.76).

Freud (1930) revela que o próprio corpo é fonte de sofrimento, pois está destinado à ruína e dissolução, não pode prescindir de dor e angústia quando os sinais anunciam. O sofrimento provém da falta de domínio que temos sobre o próprio corpo, por mais que tenhamos conhecimentos científicos avançados, não poderemos suprimir o padecimento do corpo e enfrentar a maior das castrações.

O mundo exterior é fonte de sofrimento, pois o homem não consegue controlar a hiperpotência da natureza e seus desastres naturais. “Esta comprovação deveria interferir simplesmente que o poder da natureza não é a única condição de felicidade humana, como tanto é a única meta de vontade da cultura e, não tirar a conclusão que os progressos técnicos têm um valor nulo para nossa economia de felicidade” (Freud, 1930, p.87).

As relações humanas são consideradas como a maior fonte de sofrimento psíquico, segundo Freud (1930), devido à falta de regras que regulam as relações entre os homens e a família, o Estado e a sociedade (p.85). A negação também tem papel importante no sofrimento entre homens e sociedade, pois o homem nega essa fonte. É difícil admitir que as regras e doutrinas criadas pelo próprio homem que serviriam para proteger e beneficiar se voltem contra ele, pois mesmo que o sujeito possa se tornar um eremita, já tem o outro internalizado como modelo, ideal do eu, como rival.

“Se descobriu que é um ser humano se torna neurótico, porque não pode suportar a medida de frustração que a sociedade impõe em prol de atingir os ideais culturais e, concluiu-se que eliminar essas exigências ou diminuí-las significaria muito um regresso à possibilidade de felicidade” (Freud, 1930, p.86).

Boa parte do nosso sofrimento psíquico vem do processo cultural, “o homem se torna neurótico porque não pode suportar a medida de privação que a sociedade lhe impõe” (p.45). Esclarece que nas últimas gerações a humanidade fez progressos extraordinários, mas que não elevou a satisfação em relação à vida. Constatou que a cada avanço científico e tecnológico mais necessidades surgiram. Foram criados meios de transporte: linhas férreas, viagens transoceânicas, desenvolvimento do espaço aéreo e aeronaves, assim surgiam possibilidades de troca de cidades, países e continentes, os filhos saíam de perto dos pais. Fazendo surgir novas necessidades como: agilidade na

comunicação, novas linhas telefônicas, comunicação por satélite, internet. No olhar da saúde foram desenvolvidos cuidados com a assepsia, novas vacinas, hospitais com recursos avançados, assim o índice de mortalidade diminuiu consideravelmente, fazendo surgir à necessidade do controle de natalidade.

Freud adverte que todo o progresso técnico e científico é temporário, que essas satisfações são momentâneas, que o gozo é limitado e, nos brinda com uma anedota: “um sujeito procura esse gozo quando numa noite gelada de inverno tira a perna nua para fora das cobertas e logo depois a coloca de volta” (Freud, 1930, p.87).

Estamos inseridos na cultura e que não nos sentimos bem dentro dessa cultura – o mal-estar permanente – mas como saber se nossos antepassados foram felizes e conclui: “a felicidade é algo inteiramente subjetivo” (Freud, 1930, p.88).

1.3 As profissões impossíveis

Considerando o mal-estar permanente do sujeito com o próprio sujeito; do sujeito inserido nas relações interpessoais e com o mundo; recorreremos ao prólogo do livro “Juventude desorientada” (1925) de August Aichhorn. Freud, neste texto, elucida que a psicanálise não pôde contribuir com termos práticos no que se refere a educar, mas deixou duas lições que resultaram do seu contato com Aichhorn: “uma delas é que educador que foi submetido a uma experiência analítica, é concedido o direito de praticar análise, senão o objeto de seus esforços, a criança, permanecerá um enigma para ele” e a segunda lição diz: “que o trabalho da educação é algo *sui generis*, que não pode ser confundido com a influência mediante a psicanálise nem ser substituído por ela” (Freud, 1925, p.297-8). É nesse prefácio, que trata de um livro que aborda a pedagogia, mais precisamente a educação infantil de jovens desamparados, que Freud fala sobre as três profissões impossíveis de exercer, que são: educar, curar e governar.

Em 1937, no texto “A análise finita e a infinita”, Freud retoma a questão das profissões impossíveis, “que se tem certeza de antemão do resultado insuficiente” (p. 355). Neste texto Freud ressalta que “os analistas não atingiram em sua própria personalidade a total medida de normalidade psíquica para a qual eles querem educar os seus pacientes” (Freud, 1937, p. 354), e faz uma associação aos médicos que sofrem de

tuberculose e nem por isso são impedidos de tratar tuberculosos. Freud retoma, esclarecendo que os analistas necessitam um grau mais elevado de normalidade psíquica, pois em certos momentos, serve de modelo ou professor para seu analisando. Nesse contexto, quando Freud troca a profissão de curar por analisar, ao lado de educar e governar, como as três profissões impossíveis de exercer.

A partir das relações humanas, fonte de maior sofrimento psíquico, considerando que o mal-estar é inerente, permanente, que pode suportado, mas não curado, buscamos em Lacan o que o mal-estar tem a ver com os quatro discursos? Considerando as relações humanas como maior fonte de sofrimento psíquico, como o sujeito faz laço social?

Capítulo II – Os Quatro Discursos

Esse capítulo localiza o leitor diante dos acontecimentos do ano de 1968, especificamente a revolução estudantil que a França atravessava. Esses acontecimentos, onde o governo e a universidade foram questionados, levaram Lacan a retomar as profissões impossíveis de exercer: governar, educar e analisar. Essas profissões impossíveis que haviam sido mencionadas por Freud no prólogo realizado para o livro de August Aichhorn “Juventude desorientada” (1925), fizeram com que Lacan acrescentasse mais uma: a impossibilidade de fazer desejar. Para entender os quatro discursos que fazem laço social, caminho com Lacan pelo “*O seminário, livro 17: O avesso da psicanálise*” (1969-70), o qual Lacan articula governar ao discurso do mestre; educar ao discurso da universidade; analisar ao discurso do analista e fazer desejar ao discurso da histérica.

“A essência da teoria psicanalítica é um discurso sem fala” (Lacan, 1968-69, p.11), com essa frase no quadro Lacan inicia em 13 de novembro de 1968 “*O seminário, livro 16: De um Outro ao outro*”, apontando para o trabalho que será realizado nos dois próximos anos. O seminário, livro 17 marca a virada no ensino de Lacan, apontando para um discurso matemizado, com letras, elementos e lugares – um discurso “sem palavras”. Lacan não refuta seu famoso aforisma *o inconsciente estruturado com uma linguagem*, mas vai além, apontando para o indizível, para a falta de palavras – para o real. Nesse contexto Lacan profere o seminário no ano de 1969-70, o qual nomeia “O avesso da psicanálise”, logo avisa que esse título não tem nada de original ou atual, pois já consta no texto “*De nossos antecedentes*” (1966) publicado nos *Escritos*. Neste texto Lacan anuncia seu projeto que consistia na retomada do “projeto freudiano pelo avesso” (Lacan, 1969-70), p.10). A questão desse seminário é formalizar uma estrutura para que os discursos possam existir sem palavras. Com os discursos Lacan pretende apresentar que o sujeito está sempre inserido dentro de um dos cinco discursos, ora ocupando o lugar de agente (dominando o discurso), ora o lugar de outro (dominado pelo discurso).

O ano de 1968, considerado o ano que nunca acabou, nos revela a posição do sujeito diante de um poder e um saber, lugar o qual não privilegia o sujeito, que está sob a barra. Nesse ano de revolução a universidade foi questionada e a psicanálise foi

convocada a dar respostas, mas como nos ensina Lacan que a verdade é sempre uma meia-verdade e que existem coisas que vão para além de um saber, nos pergunta: “o que fazemos na análise senão instaurar, através da regra, um discurso?” (p.19). Farei um breve percurso nos fatos ocorridos no ano de 1968 na França e pontuações no mundo. Nesse ano Lacan foi convidado a se retirar da Escola Normal Superior. A subversão de Lacan a universidade o levaram a forjar o discurso universitário e ele, questionando a instituição, foi convidado a retirar-se. Lacan subvertendo a situação política revela: “é que sem palavras, na verdade, ele pode muito bem subsistir” (Lacan, 1969-70/1992, p. 11).

2.1. Contextualização histórica

“A violência é derrotada pela união, o poder daqueles unidos passa a representar o direito, em oposição à violência de um indivíduo” (Freud, “Por que a guerra?”, 1932, p. 420).

Os acontecimentos do ano de 1968 marcaram o mundo e representaram uma virada não só nos regimes políticos, como uma virada nos discursos e posicionamento dos sujeitos. Nesse ano os estudantes tomando a palavra se opuseram contra o governo e em uma grande manifestação das massas se fizeram ouvir. Revoluções estudantis ocorreram na França, Espanha, Itália, Inglaterra, Alemanha, Estados Unidos, Equador, Peru, Venezuela, Chile e Brasil. A morte de Martin Luther King Jr., em 04 de abril, ativista norte-americano e símbolo da paz mundial foi assassinado em Memphis – Tennessee. Luther King que quatro anos antes de sua morte, em 1964, havia ganhado o prêmio Nobel da Paz, lutava pelos direitos civis sem violência e tornara um líder que influenciava toda uma geração, por isso odiado pelas elites segregacionistas dos Estados Unidos. Em 1965 questionou a presença dos Estados Unidos na guerra do Vietnã e em 1968 organizava uma campanha contra a pobreza, questionando o sistema causador da miséria. Martin Luther King foi atingido por uma bala no pescoço, na varanda do Hotel Lorraine, onde na véspera pousou para fotógrafos, sua ideologia: “eu tenho um sonho. O sonho de ver meus filhos julgados pelo caráter e não pela cor da pele”.

As revoltas estudantis do ano de 1968 começaram com a ocupação das universidades, Em Madrid – Espanha, estudantes foram presos e ficaram gravemente feridos em protesto contra o regime ditatorial do general Francisco Franco. No Equador,

Chile e Venezuela registraram confrontos de estudantes e trabalhadores contra o regime presidencial. Na Polônia, o reitor da Universidade de Varsóvia, Stanislaw Ruski, advertiu que a universidade seria fechada caso os estudantes continuassem a realizar reuniões ilegais. No Japão os estudantes se mobilizaram e atacaram a construção de um hospital que serviria para receber soldados americanos do combate no Vietnã. Na Alemanha, em Berlim o consulado americano foi invadido contra a guerra do Vietnã. Estudantes americanos protestaram contra a guerra do Vietnã na Universidade de Columbia, em Nova Iorque. Em Londres também a embaixada americana foi atacada em retrato a matança de civis, o qual tropas americanas mataram a população durante a guerra do Vietnã, ficou conhecida como “matança de My Lai”, em 07 de março de 1968.

No Brasil não seria diferente, a revolução estudantil foi marcada pela morte do estudante Edson Luís, em 28 de março de 1968, no restaurante Calabouço no centro do Rio de Janeiro. O Calabouço, que levava esse nome devido aos tempos que servia como prisão de escravos, ficava ao lado do aeroporto Santos Dumont e era ponto de encontro estudantil, que desafiavam o regime ditatorial. Os estudantes, que somavam o número de dez mil, aglomeravam-se no Calabouço e nesse dia, com intuito de reprimir o movimento, houve um confronto com a tropa de choque da polícia militar, Edson Luís com dezessete anos foi atingido por uma bala. A morte do estudante foi o estopim para que os estudantes saíssem à rua no dia seguinte, seu cortejo saiu da Cinelândia em direção ao Cemitério João Batista, os estudantes usavam camisetas brancas manchadas de sangue. Frente aos estudantes estava o líder Vladimir Palmeira, acompanhado de Franklin Martins, José Dirceu e Alfredo Sirkis, naquele dia que ficaria marcado como “A passeata dos cem mil”, 26 de junho de 1968. O palco era a Avenida Rio Branco e o encontro era de estudantes, intelectuais, artistas, escritores e entre os políticos estava Tancredo Neves, que dezessete anos depois viria se tornar o primeiro presidente eleito do país. As manifestações estudantis continuaram até 13 de dezembro de 1968, data que o presidente Costa e Silva proferiu o AI-5, Ato Institucional número cinco, marcando o início dos “Anos de Chumbo” da ditadura militar no Brasil. O Ato Institucional durou dez anos, foi motivado pela recusa do Congresso Nacional em acusar o deputado Márcio Moreira Alves pelo discurso realizado em setembro, que afrontou a ditadura. O discurso proferido por Márcio em 03 de setembro de 1968 protestava com “as amarras políticas do regime” e incitava uma grande união pela democracia. O discurso, que

irritou profundamente o presidente de Costa e Silva, que nesse momento solicitou ao Supremo Tribunal Federal um processo contra Márcio. A recusa desse processo foi o ponto de partida para o golpe militar, o que distanciaria ainda mais a democracia no país. Em dezembro foi baixado à ordem do AI-5, fechando o Congresso Nacional e firmando a ditadura.

Dia 10 de setembro de 1968 era a data marcada para a Conferência da Paz em Paris, a delegação norte-vietnamita havia chegado e esperavam a comitiva norte-americana. Nas vésperas da conferência dez mil estudantes saíram às ruas com bandeiras vermelhas para um protesto com uma reivindicação importante. Alunos da Universidade de Nanterre, liderados por Daniel Cohn-Bendit, protestavam pelo direito de dividir quartos com sexo oposto nos alojamentos da universidade. Tendo o pedido negado, rumaram à Paris, onde se uniram com os alunos da Sorbonne que protestavam a favor de uma universidade popular e autônoma, que nomearam de “Universidade Crítica”, derrubando assim a tradicional burguesa universidade francesa. Com o lema “é proibido proibir”, os jovens franceses questionavam a burguesia francesa, tomando conta das ruas do *Quartier Latin* e Rio Sena. O governo de Charles de Gaulle foi atacado e a renúncia do presidente foi exigida, até que o campus da Sorbonne, ocupado pelos estudantes, sofreu o ataque da polícia, o que promulgou uma grande rebelião. Um clima de anarquia descortinava, Daniel Cohn-Bendit, fazia parte da Federação Anarquista, o movimento foi ganhando corpo com o apoio de intelectuais, artistas e trabalhadores. Os protestos foram crescendo de forma exponencial e em 20 de maio de 1968 a França parou.

Atravessado pelos protestos estudantis, pela burocracia do discurso institucionalizado, Lacan traz na capa do seminário 17, o qual apresenta os quatro discursos, Daniel Cohn-Bendit desafiando um policial. Lacan forja os “discursos radicais” apresentando o sujeito recalcado nos discursos do mestre e universidade, e propõe dar lugar a esse sujeito nos discursos do analista e histórica, conforme veremos a seguir.

2.2. Os elementos e os lugares

“Averso é assonante com a verdade”

(Lacan, 1969-70, p.57)

Lacan inicia seu décimo sétimo seminário em 26 de novembro de 1969 agradecendo aos ouvintes por tê-lo seguido nessa terceira mudança e a Faculdade de Direito que cedeu a sala. Lacan que no ano anterior foi convidado a se retirar da Escola Normal Superior, atestando que devido à reforma geral que estavam passando as universidades naquele período, não seria mais possível o empréstimo da sala *Dussane* ou qualquer outra sala para seu curso.

Lacan intitula esse seminário de “O avesso da psicanálise” e comunica que o título é devido ao que iniciou no ano anterior, que trata o discurso como estrutura – muito além da palavra – que prefere proclamar “um discurso sem palavras” (Lacan, 1969-70/1992, p.11). Neste ano começa a ensinar sobre os discursos, que são aparelhos de gozo, condição necessária para a renúncia pulsional e estruturação dos laços sociais.

“Nossa realidade social é enquadrada pelos laços sociais que Lacan chama de aparelhos de gozo, uma vez que esses vínculos promovem um esvaziamento de gozo ao estabelecer maneiras conviviais de relação com o outro. Sem esse enquadramento, que é cultural e, portanto simbólico, a inclinação do homem é tratar o outro como seu objeto de gozo e nele saciar suas pulsões erótica e de morte” (Quinet, 2012, p.47).

Os quatro discursos poderiam ser chamados de “discursos radicais”, Lacan os nomeia de quadrípedes, com as quatro patas, fazendo referência ao mito de Sófocles, o desvendar do enigma da esfinge. Quimera que propõe um enigma ao Édipo: “decifra-me ou te devoro: que criatura pela manhã tem quatro pés; ao meio-dia tem dois e a tarde três?” Édipo responde corretamente ao enigma: “o homem que rasteja quando criança, se seguida, em dois pés como um adulto e, finalmente, com a ajuda de uma bengala, em três pés durante o pôr do sol de vida”.

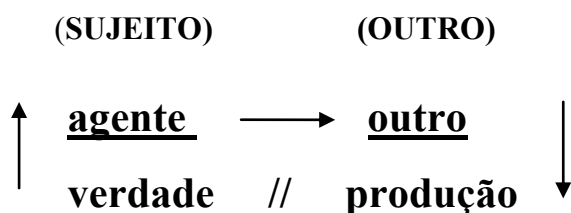
“A função do enigma é um semi-dizer, como a Quimera faz aparecer um meio-corpo, pronto a desaparecer completamente quando se deu a solução... o enigma é provavelmente isso, uma enunciação. Encarrego vocês de convertê-lo em enunciado” (Lacan, 1969-70/1992, p.37). O enigma é uma enunciação, colhido na trama do discurso

do psicanalisante e o deciframento de um enunciado. O enunciado só apresenta validade se estruturado no discurso, tal como nos propõe Lacan.

Tal como Quimera, Lacan estrutura a partir do quadrípode, os quatro discursos de quatro lugares e quatro elementos. Esses discursos, diz Lacan, poderiam começar com qualquer elemento, mas que começar com o discurso do mestre tem uma significação, pois S_1 , o significante mestre marca o traço primeiro, o traço unário, marca o início, marca o discurso do inconsciente. Esse é o lugar que marca o sujeito no estatuto do seu saber – o saber inconsciente. É a entrada nessa cadeia que faz emergir o sujeito, quando o significante mestre S_1 busca a representação em outro significante S_2 , formando assim a cadeia associativa, “o significante, então, se articula por representar um sujeito junto a outro significante” (Lacan, 1969-70/1992, p. 49).

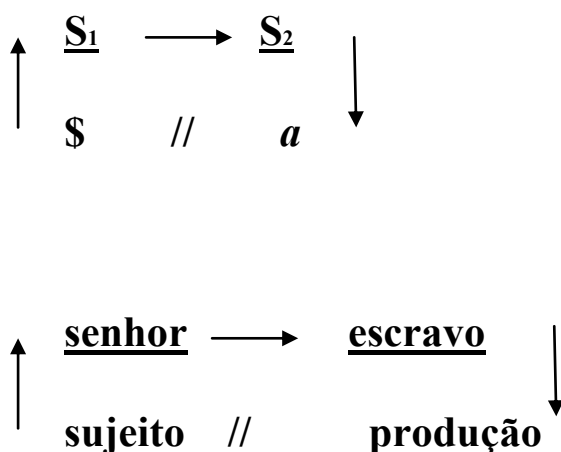
Os quatro elementos apresentados nos discursos têm um aparato algébrico, que foram denominados álgebra lacaniana. Os matemas lacanianos apresentam uma escrita entre o simbólico e o real, “só a matemização atinge um real – e é nisso que ela é compatível com nosso discurso, o discurso analítico – um real que nada tem a ver com o que o conhecimento tradicional suportou e que não é o que ele crê, realidade, mas sim fantasia” (Lacan, 1972-73/2008, p. 140). A partir dos matemas os discursos atingem uma pluralidade de leituras e são compostos pelas letras S_1 , S_2 , $\$$ e a .

Os discursos se estruturam ocupando sempre quatro lugares: o agente, o outro, a produção e a verdade. Tem início sempre com o agente como dominante, se dirigindo a um outro, para uma produção sobre a verdade. A verdade é a mola propulsora do discurso, mas vale lembrar que entre a produção e a verdade há uma barra, uma interseção, não há caminhos para chegar à verdade, ela é sempre não toda. O que temos é sempre uma meia-verdade e, sendo à verdade a propulsora do discurso, marca a impossibilidade do dominante, lê-se: marca a impossibilidade de governar, educar, analisar e fazer desejar.



Os discursos são nomeados: mestre – histórica – universidade – analista, devido aos diferentes lugares ocupados pelo dominante, vale ressaltar que esses lugares são sempre semblantes. Retomando Freud e as profissões impossíveis de exercer, Lacan estrutura o discurso do mestre articulado com a impossibilidade de governar; o discurso da universidade com a impossibilidade de ensinar; discurso do analista com o impossível de analisar e o discurso da histórica com a impossibilidade de fazer o outro desejar.

Discurso do Mestre



O discurso do mestre é o discurso da civilização. O mestre no lugar de agente se dirige ao outro S_2 – saber para produção dos objetos causa de desejo do mestre (objetos de gozo) e, não se tem acesso sobre a verdade do sujeito barrado. Esse discurso baseia-se no mito de Hegel “Fenomenologia do espírito” que trata do senhor e o escravo. O S_1 é o significante mestre agenciador do discurso – o mestre/senhor se dirige ao S_2 – saber/escravo, para produzir os objetos de gozo, essa produção nunca chega à verdade. O \$ sujeito dividido fica escondido no lugar de verdade, impossibilitando descobrir a verdade.

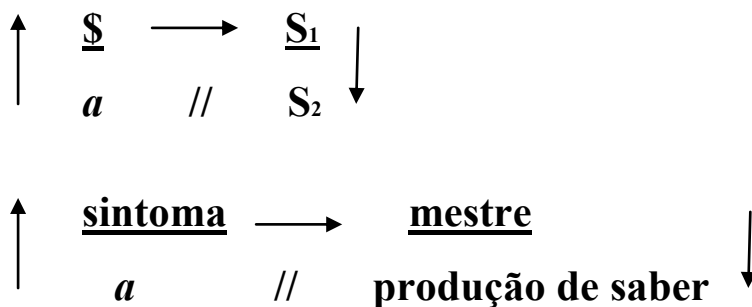
Lacan retoma Platão elucidando que a evolução da filosofia deu-se pelo roubo, ou rapto do saber da escravaria pelo senhor. “A filosofia, em sua função histórica, é essa extração, essa traição, eu quase diria, do saber do escravo, para obter sua transmutação em saber de senhor” (Lacan, 1969-70, p.21). A questão é extrair o saber do escravo para

torná-lo um saber do senhor, é tirar do escravo o plano do saber, mas Aristóteles já havia sinalizado que o saber do senhor é um saber teórico. Lacan, retomando Marx, elucida a clareza de verificar que o senhor não vai aproveitar tudo que é produzido para ele, “fica claro que o desejo do senhor é sempre o desejo do Outro, pois é o desejo que o escravo predispõe” (Lacan, 1969-70, p.38).

Há uma barra na parte inferior que separa a produção da verdade, é uma impossibilidade de chegar à verdade, “a barreira cuja denominação está imediatamente ao alcance da nossa mão é, no nível do discurso do mestre, o gozo – na medida simplesmente em que está interdito” (Lacan, 1969-70, p. 114). Quinet (2006) nos alerta que a barra que separa as frações dos discursos não corresponde exatamente à barra do recalque. Na primeira fração dos discursos a barra representa a verdade em causa de cada laço social – é um discurso dominante. Já na segunda fração a barra representa o que o outro deve produzir em cada laço social – o discurso do dominado. S_1 – Significante Mestre – a função do significante sobre a qual se apoia o senhor. O significante mestre é estabelecido através do traço unário, tem sua matriz na identificação simbólica, “extraí sua unicidade, a marca Um, do objeto a , que é um objeto feito de gozo” (Quinet, 2006, p. 31). É o significante da língua, significantes recalcados o qual não é possível falar. É um significante que marca o comando e desvela o comando do gozo no discurso do mestre.

Com um quarto de giro para a direita, a partir do discurso do mestre, Lacan estrutura do discurso da histórica:

Discurso da Histórica



No discurso da histérica o dominante aparece sob forma de sintoma, o sujeito dividido, que se dirige ao outro (mestre) dentro do laço social e coloca esse outro para produzir um saber sobre sua verdade. No lugar da verdade encontra o objeto *a*, causa de desejo. Então, podemos entender que o sujeito coloca o outro para produzir sua verdade, mas a barra de interseção indica a impossibilidade de chegar a essa verdade, “a verdade nunca se pode dizê-la a não ser pela metade” (Lacan, 1969-70, p.36). Somos todos sujeitos divididos pela linguagem. A constituição do sujeito alienado ao Outro, o qual é inserido na linguagem por esse Outro, nos faz sujeitos divididos. No primeiro momento o sujeito não tem percepção de estar inserido na linguagem, no segundo momento quando é percebido o inconsciente estruturado pela linguagem, essa linguagem causa um estranhamento. Então o que o sujeito deseja é sempre desejo do Outro e, nessa condição entra o impossível de fazer desejar, o impossível de fazer o Outro desejar.

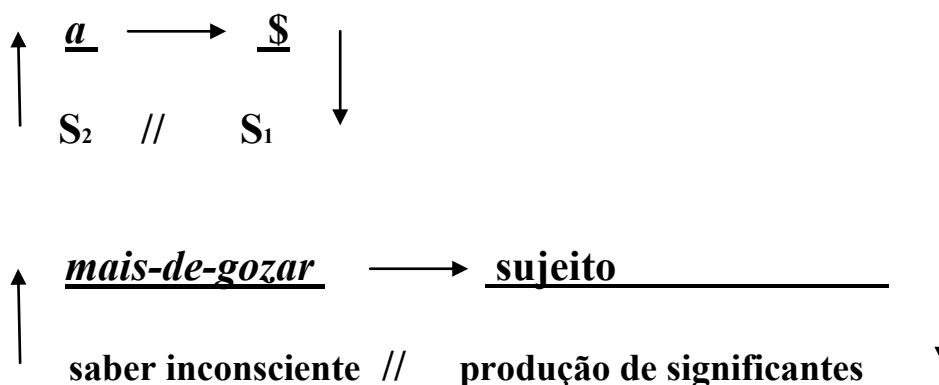
É no discurso da histérica que Lacan forja a quarta profissão impossível de exercer – *fazer o outro desejar*. No discurso da histérica é dado ao outro o lugar de dominante – *histeriza o discurso* – coloca o sujeito para produzir significantes em associação livre. O sujeito só entra em análise a partir do discurso da histérica, “o que o analista institui como experiência analítica, pode-se dizer simplesmente é a histerização do discurso” (Lacan, 1969-70/1992, p.33), quando supõe um saber ao mestre – SsS (sujeito suposto saber).

Lacan elucida que a palavra que a palavra histérica, escrita no feminino, não exclui os homens desse discurso. Tanto homens quanto mulheres podem passar por um processo analítico e fazer desejar, mas o que é um fazer desejar? É um desejo de saber sobre a verdade, sempre semidita, que ocupa o lugar de objeto *a*, causa de desejo e impulsiona o discurso.

A única resposta possível ao discurso da histérica é o discurso do analista, que coloca o sujeito dividido no lugar de outro e, faz produzir um saber sobre ele mesmo através de seus significantes. A partir disto, construir um saber sobre o gozo, sobre a verdade – que é sempre não-toda.

Mais um quarto de giro à direita se faz necessário para lançar mão do discurso do analista:

Discurso do Analista



O discurso do analista é exatamente avesso ao discurso do mestre. Como dominante e agenciador desse discurso encontramos o objeto *a*, causa de desejo, que é encarnado pelo analista. O analista, ocupando o lugar de objeto *a*, representa múltiplas facetas, nem o analista, nem o analisando tem acesso ao que objeto *a* representa. Esse desejo de saber sobre o objeto *a* impulsiona esse discurso que se dirige ao outro, o sujeito dividido, através do laço social, para produção de seus S_1 – significantes mestres, para chegar a verdade não-toda do S_2 – saber inconsciente.

“A posição do psicanalista, eu a articulo da seguinte forma – digo que ela é feita substancialmente do objeto *a*, essa posição é, substancialmente, a do objeto *a*, na medida em que esse objeto *a* designa precisamente o que, dos efeitos do discurso, se apresenta como o mais opaco, há muitíssimo tempo desconhecido, e no entanto essencial” (Lacan, 1969-70/1992, p.44).

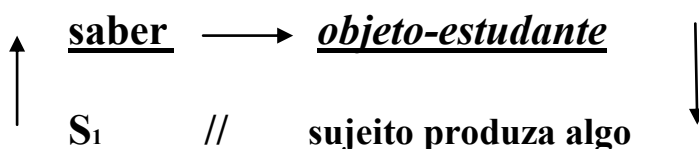
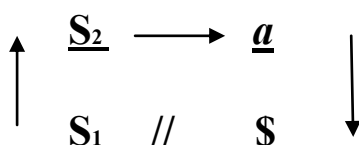
Analisar é a terceira profissão impossível apresentada por Freud, que no primeiro momento nomeia de cura e em “Análise terminável e interminável” (1937), substituiu cura por analisar. Analisar é impossível por lidar com a perda – perda de gozo, e retornando a Freud, indica o objeto perdido, “é no lugar dessa perda, introduzida pela repetição, que vemos aparecer à função do objeto perdido, disso que eu chamo *a*” (Lacan, 1969-70/1992, p. 50). Objeto *a* – nomeado como objeto causa de desejo – Quinet ratifica que no campo do gozo o objeto *a* é um mais-de-gozar. “Na repetição, em que o sujeito está sempre procurando obter novamente aquela experiência que o S_1 comemora, há um gozo na busca, e também um gasto” (Quinet, 2006, p.32). O gozo é obtido na repetição do significante.

Analisar é impossível porque aponta para a origem do significante, aponta para o traço unário, que como nos ensina Lacan é o que interessa a nós analistas (p.48). “Esse saber mostra aqui sua raiz porquanto na repetição, e sob a forma do traço unário, para começar, ele vem a ser o meio do gozo – do gozo precisamente na medida em que ultrapassa os limites impostos, sob o termo prazer, às tensões usuais da vida” (Lacan, 1969-70, p.50).

A verdade no discurso do analista não está recalcada, mas não está visível, pois o analista trabalha com seu inconsciente – de inconsciente para inconsciente – somente *a posteriori* entenderá o porque dos atos. No seminário XVII, no texto “Édipo e Moisés e o pai da Horda” (1969-70), Lacan pergunta se haverá mesmo um analista e, nos ensina que o analista se coloca como objeto causa de desejo para o analisando, na busca de rastrear o desejo de saber.

Lacan com mais um quarto de giro apresenta o discurso da universidade:

Discurso da Universidade



É o discurso da burocracia. O discurso universitário tem como agente o S_2 – saber, não há sujeito, um saber é o dominante e propulsor do discurso que se dirige ao outro como objeto, para produção do sujeito e, o que fica no lugar da verdade e sem acesso são os S_1 – significantes do sujeito. Para falar de S_2 – saber inconsciente – Lacan recorre à filosofia no texto “A política de Aristóteles”: “o escravo que fala Aristóteles está tanto na família quanto no Estado, e ainda mais em uma que no outro. Está lá porque é aquele que tem um *savoir-faire*, um saber fazer” (Lacan, 1969-70, p.20). Segundo Quinet (2006) S_2 é a repetição de S_1 , buscando sempre a primeira experiência

de satisfação. Quando S_2 se repete, não repete S_1 , mas sim, ocorre a repetição de S_2 como um “meio de gozo – como saber de um meio através do qual o sujeito goza – com o inconsciente” (p.31).

Por isso educar é uma profissão impossível, não há sujeito no laço social, só encontramos o sujeito no lugar da produção. Como esse discurso torna o sujeito assujeitado, produz sujeitos revoltados, como ocorreu em 1968, quando se tira o lugar do sujeito. O ensino não tem resultado positivo, pois coloca o outro no lugar de objeto.

Educar implica em errar, implica em lidar com o gozo onde há sempre um resto. Por isso torna-se impossível, lidar com o excesso de pulsão das crianças, o adulto para ensinar precisa sublimar suas pulsões. Segundo Carneiro Ribeiro (2018) governar e ensinar diz respeito ao poder, falam do lado das massas e, conforme nos ensina Freud em “Psicologia das massas e análise do eu” (1921), os grupos são conduzidos por indivíduos que acreditam ocupar no governo o lugar de mestre e no ensino o lugar do saber, Freud cita de exemplo a religião. Analisar e fazer desejar falam sobre o amor, pois somente nesses dois discursos encontramos o sujeito sobre a barra. O sujeito demandando amor ao outro para produzir um saber sobre si e no discurso analítico ocupando um lugar causa de desejo. O discurso nunca será de sujeito para sujeito, o sujeito sempre fala sozinho. O sujeito encontra lugar para falar, mas que não será ouvido por outro sujeito, e sim, pelo objeto a é na análise.

Capítulo III – O Discurso do Capitalista

Este capítulo pretende abordar o discurso do capitalista forjado por Lacan como um deslizamento do discurso do mestre e, não um quinto discurso. Será apresentado um caso clínico, que elucida a teoria na clínica, com o qual pude aprender o giro do sujeito nos discursos.

3.1. O discurso do capitalista: o que não faz laço social

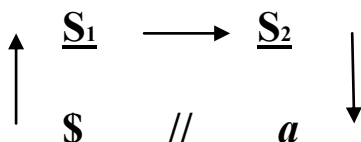
Lacan fala uma única vez sobre o discurso do capitalista em uma conferência proferida na Universidade de Milão, em 12 de maio de 1972. Nesta conferência, na qual Lacan percorre o caminho do discurso psicanalítico, pronunciando sua teoria dos significantes, da estrutura e a relação com a linguagem, chega à Teoria dos conjuntos. É na Teoria dos conjuntos, pontuando sobre os significantes matemáticos, que Lacan questiona o discurso da ciência como totalmente finalista, no sentido de funcionamento. E faz um chiste revelando que “não há trinta e seis possibilidades, há somente quatro...” (Lacan, 1972, p.52).

Nessa conferência Lacan indaga a sua plateia sobre o que é um discurso? E argumenta que o discurso só pode ser produzido através da linguagem e é isso que faz função de laço social. E falando sobre os quatro elementos elucida que é preciso que haja ao menos dois significantes, é preciso que haja S1 e S2, pois é entre esses dois significantes que faz emergir o sujeito, “o significante é o que representa um sujeito para um outro significante” (Lacan, 1972, p.52). E Lacan continua falando que o sujeito é determinado pelos efeitos do significante, que produz linguagem, que o faz desejante. E esse desejo Lacan nomeou de mais-de-gozar, é isso, produz causa de desejo – chamado objeto *a*, “é ali então que estão muitos psicanalistas... é o papel que desempenham no nível do semblante. É isso que os acabrunha, é a causa do desejo naquele a quem eles abrem a carreira de analisante” (Lacan, 1972, p. 53).

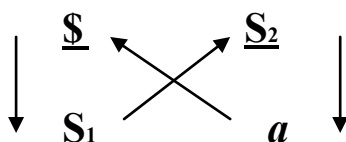
É neste contexto, retomando os discursos e, fazendo uma associação com Freud que levou a peste em formato de discurso psicanalítico aos Estados Unidos,

Lacan pronunciará que os seus discursos também são uma peste e estão em todos os lugares. E anuncia um discurso “verdadeiramente pestilento” (p.50), o discurso do capitalista. O discurso do capitalista consiste na pequena inversão do S1 e o \$ no discurso do mestre.

Discurso do Mestre



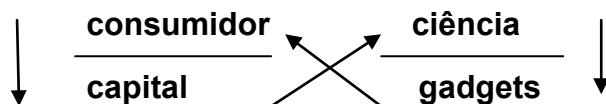
Discurso do Capitalista



O discurso do capitalista, o qual muitos consideram um quinto discurso, é um deslizamento do discurso do mestre. Conforme foi exposto no capítulo anterior, os quatro discursos são formados pelos elementos e o quarto de giro que os faz existir. Já o discurso do capitalista é formado por uma inversão dos elementos do lado esquerdo – sujeito. O qual o sujeito barrado, anteriormente recalcado passa a ser agente do discurso e o significante mestre ocupa o lugar da verdade.

Nesse discurso, que não faz laço social, o \$, ocupando o lugar de agente, fica impossibilitado de se dirigir ao Outro (S2), na tentativa de um saber. O discurso encontra sua propulsão no objeto a, causa de desejo, que ligado pelo vetor, se dirige ao sujeito, oferecendo os produtos (gadgets) para o consumo do sujeito. E o significante mestre (S1), ocupando o lugar da verdade, se dirige ao saber (S2), ocupando o lugar do Outro, sem o sujeito nada saber sobre isso.

Conforme Quinet (2012), o discurso do capitalista não é regulador e instituinte como o discurso do mestre, ele é segregador (p.58). A segregação acontece a partir da possibilidade de consumir os bens oferecidos.



Quinet, nessa tradução algébrica do discurso do capitalista, elucida que o sujeito/consumidor está no lugar de agente, que a ciência ocupa o lugar de saber, o capital ocupa o lugar da verdade e os *gadgets* o lugar incessante da produção, conforme o termo lacaniano, os *gadgets* ocupam o lugar de *mais-de gozar*. Neste discurso, onde os vetores são direcionados da produção para o agente; dos objetos de consumo (objetos de gozo) para o consumidor/sujeito. Esse é um discurso faminto, que conforme nos alertou Lacan na conferência proferida em Milão, é um discurso que “anda rápido demais, se consome [*consomme*], se consome tão bem que se consuma [*consume*]” (Lacan, 1972, p.49).

Para ilustrar como o sujeito se posiciona nos quatro discursos e não escapa do discurso do capitalista, apresento um caso clínico atendido em minha clínica, o qual o paciente mesmo apresentando um discurso avesso ao capitalista se encontra completamente inserido nele.

Considerações Finais

O aparelho psíquico é um caldeirão efervescente de pulsões e responde a dois senhores: princípio do prazer e princípio da realidade, gerando um conflito psíquico e uma sensação de prazer e desprazer ao mesmo tempo. No mal-estar encontramos a mesma dualidade psíquica, atender as exigências pulsionais e as exigências impostas pela cultura. Estar inserido nos laços sociais implica o sujeito a renunciar as satisfações pulsionais, conforme elucidou Freud com o mito “Totem e Tabu” (1912). Nesse mito o pai da horda, possuidor de todas as mulheres da tribo foi morto pelos filhos, que num ritual totêmico introjetaram o pai simbólico, assim as leis regulamentadoras da cultura. Essas leis, que geram desprazer são o avesso das leis do aparelho psíquico, que buscam sempre o prazer.

O ser humano tem três fontes de sofrimento constantes: o próprio corpo, a hiperpotência da natureza e os relacionamentos pessoais. Para lidar com essa renúncia de prazer, Freud apresentou alguns anestésicos frente ao mal-estar, como: estudar, trabalhar, a arte e as substâncias químicas. Mas a busca constante de prazer pelo aparelho psíquico continua, então ele repete experiências de satisfação e insatisfação, em busca da homeostase, de retornar ao zero, ao estado inanimado, o que Freud no texto “Além do Princípio do Prazer” (1920) nomeou de pulsão de morte. O que temos para além do princípio de prazer? Temos a pulsão de morte. Lacan (1969-70) retoma Freud e elucida que a pulsão de morte está “no seio da experiência analítica, que é a experiência de discurso, essa tendência de retorno ao inanimado... o caminho para a morte nada mais é do que aquilo que se chama de gozo” (p.17).

E para aplacar o sofrimento psíquico que provém dos relacionamentos pessoais Lacan desenvolveu a teoria dos discursos, no qual os sujeitos ocupam lugares nas relações humanas, o sujeito sempre ocupa lugar de dominante ou dominado em um desses discursos. São nomeados aparelhos de gozo, pois o sujeito busca sempre uma satisfação. No seminário 17 Lacan apresenta o conceito de “mais-valia” de Marx, o qual se paga um preço por isso – o gozo. Sendo assim, a função de desejo que se apresenta pelo objeto *a*, objeto causa de desejo, é articulada a um gozar a mais, o qual o objeto *a* ocupa lugar de *mais-de-gozar*. O *mais-de-gozar* se apresenta em cada discurso, ocupando o lugar dos objetos de desejo produzidos pelo escravo ao mestre, ocupando

lugar de um saber no discurso universitário, ocupando um lugar de provocação do sujeito dirigido ao outro no discurso da histérica, no discurso do analista o próprio analista ocupa esse lugar e no discurso do capitalista o *mais-de-gozar* são os *gadgets*.

Considerando que a pulsão de morte é inerente, o ser humano possui essa inclinação à destruição, podemos pensar num mal-estar permanente e os discursos, como uma forma de fazer laço social, num aparelhamento do gozo, o qual ocupa lugares de satisfação e insatisfação nos giros dos discursos.

Referências Bibliográficas

DUMAS, A. **As aventuras de Robin Hood**. Tradução Jorge Bastos – 1ªed. – Rio de Janeiro: Zahar, 2016.

ELIA, L. **O “Averso da Psicanálise” e a formação do psicanalista**. *In: Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rinaldi, D. e Jorge, M.A.C. (orgs.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

FREUD, S. (1923-1925) **Prólogo A juventude desorientada, de August Aichhorn**. Obras Completas – Vol. XVI: O eu e o id, autobiografia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

_____, S. (1927) **El porvenir de una ilusión**. Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura y otras obras: 1927-1931. 2ª Ed. 14ª reimp. – Buenos Aires: Amorrortu, 2014.

_____, S. (1930[1929]) **El malestar em la cultura**. Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura y otras obras: 1927-1931. 2ª Ed. 14ª reimp. – Buenos Aires: Amorrortu, 2014.

_____, S. (1930) **Premio Goethe**. Obras completas: El porvenir de una ilusión, El malestar en la cultura y otras obras: 1927-1931. 2ª Ed. 14ª reimp. – Buenos Aires: Amorrortu, 2014.

_____, S. (1932) **Por que a guerra?** Obras completas: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936) Vol. XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

_____, S. (1937) **A análise terminável e interminável**. Fundamentos da clínica psicanalítica. Obras incompletas de Sigmund Freud – 6. 1ª edição. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

JORGE, M.A.C. **Discurso e liame social: apontamentos sobre a teoria lacaniana dos quatro discursos**. *In: Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rinaldi, D. e Jorge, M.A.C. (orgs.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

LACAN, J. (1968-1969) **De um Outro ao outro**. O Seminário – livro 16. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

_____, J. (1969-1970) **O avesso da psicanálise**. O Seminário – livro 17. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.

_____, J. (1972-1973) **Mais, ainda**. O Seminário – livro 20. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

MARTINHO, M.H.C. **Que lugar para o sujeito na escola?** *In: Saber, verdade e gozo: leituras de O seminário, livro 17, de Jacques Lacan*. Rinaldi, D. e Jorge, M.A.C. (orgs.). Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2002.

QUINET, A. **Psicose e laço social: esquizofrenia, paranoia e melancolia**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

_____, A. **Os outros em Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

SANDER, R. **1968 quando a terra tremeu**. 1ª edição. São Paulo: Vestígio, 2018.

Aula 28/03/2018 e 04/04/2018 – **História do movimento psicanalítico**. Prof. Dra. Maria Anita Carneiro Ribeiro. Curso de Especialização Psicologia Clínica – PUC/RJ.